Globethics Repository



Ritual, drama e jogo [Ritual, drama and game]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	DaMatta,Roberto
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-12 04:03:06
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162508

"nós" e os "outros", coincidindo os outros, muitas vezes, com os argentinos. Como é vista a alteridade em tempos de Copa do Mundo?

Arlei Sander Damo - A maneira como a publicidade trata da relação entre brasileiros e argentinos é ficcional e, como tal, tendenciosa. Ela não traduz, a meu ver, um consenso social, antes o cria. Há, efetivamente, uma luta entre clubes e seleções desses dois países pela hegemonia futebolística sul-americana, mas, fora desse plano, nossos "outros" são os portugueses, por quem fomos colonizados, e os norte-americanos, pois além deles terem sido mais bem sucedidos economicamente, em que pese terem sido colonizados como nós, impõem-nos certos padrões de consumo – o ódio aos norte-americanos é particularmente intenso entre esquerdistas. Mas EUA e Portugal não são bons para rivalizar futebolisticamente; suas seleções são muito fracas comparadas à nossa. Bons são os argentinos, afinal eles nos vencem seguidamente. Quem vê o mundo pelos olhos da publicidade e da crônica esportiva pode ser induzido a crer que Brasil e Argentina já guerrearam em lados opostos, quando temos, no máximo, rusgas comerciais. Trata-se, pois, de uma rivalidade calcada em estereótipos.

Ritual, drama e jogo

Entrevista com Roberto DaMatta



O antropólogo Roberto DaMatta é um dos principais estudiosos dos aspectos culturais da sociedade brasileira.

Desenvolveu suas pesquisas no Museu Nacional onde permaneceu até 1987. Durante esse período, chefiou o Departamento de Antropologia, foi coordenador da Pós-Graduação em Antropologia Social. Lecionou também, nessa época, nas universidades de Berkeley (EUA) e Cambridge (Inglaterra), como professor visitante.

O mais recente livro de DaMatta, que o Notícias Diárias do sítio www.unisinos.br/ihu reproduziu no dia 5/6 uma entrevista, chama-se ***A bola corre mais do que os homens***. Rio de Janeiro, Rocco, 2006. Também é autor, entre outros livros, ***Tocquevilleanas: Crônicas e Observações sobre os Estados Unidos*** . Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005; ***O que é o Brasil?.*** Rio de Janeiro: Editora Rocco. Coleção Jovens Leitores, 2005 e do clássico ***Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro.*** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

A entrevista a seguir foi concedida por e-mail à ***IHU On-Line***.

***IHU On-Line* - Quais são os significados intrínsecos da denominação "país do futebol" e o peso disso na criação de uma identidade brasileira?**

Roberto DaMatta – Um dos significados da expressão é decorrente do reconhecimento do Brasil como um país onde o futebol melhor se difundiu. O seu peso como um dado da identidade brasileira tem a ver com a descoberta de que podíamos ser bons — finalmente! — em alguma coisa que vinha de fora e que o mundo civilizado prezava. Não se tratava mais de samba, capoeira ou mestiçagem, mas de *"football"*. Isso reverteu, como mostro nesse livro ***A Bola Corre mais que os Homens***, a maneira trivial e sempre negativa de ler a nossa identidade.

***IHU On-Line* - Qual é a posição do locutor e do comentarista de futebol na construção dessa identidade nacional e de expectativas em relação à vitória?**

Roberto DaMatta – Ele inventa categorias e ângulos pelos quais a partida é oficializada. Em outras palavras: torna-se um eventual produto histórico.

***IHU On-Line* - O futebol é uma das atividades mais relevantes na vida dos brasileiros. O senhor acredita que exista um modo de discutir o futebol? O futebol tem sido discutido academicamente?**

Roberto DaMatta – O futebol tem sido discutido. Creio que ajudei modestamente a fazer isso, colocando-o no mapa do pensamento sociológico. Sérgio Miceli, professor da USP, fez isso na mesma época. Eu discuti o futebol como um ritual, um drama no qual pelo jogo se salientavam alguns aspectos da sociedade brasileira. Por exemplo, o jogo de cintura, a malandragem; a aversão pela força bruta; a luta do inferior (o Brasil) contra o superior (a Rússia, a Inglaterra). O futebol serve também como um mecanismo simbólico de discussão do talento contra o esquema, do espontâneo contra o plano, do justo contra o injusto e das regras que devem valer para todos contra a "corrupção" dos endemoniados que tramam contra nós.

***IHU On-Line* - O senhor reitera algumas vezes em seus ensaios a idéia de que o futebol "proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social". Como isso é possível, afinal são poucos os meninos que chegam ao sucesso de Ronaldinho, por exemplo?**

Roberto DaMatta – Mas não é exatamente isso que faz um Ronaldinho ser popular? Se todos os meninos tivessem as mesmas oportunidades em escolas exemplares e em bairros de classe média, teríamos uma outra concepção do craque, e ele certamente representaria outros valores.

***IHU On-Line* - O senhor diz que o futebol transforma o desejo bruto em força civilizada, poderia explicar essa transformação?**

Roberto DaMatta - Todo ritual competitivo como o futebol (e o esporte em geral) faz isso. A realização se dá por meio de símbolos, de ações distantes e removidas das arenas onde os problemas mais complicados se desenrolam. Dois países se odeiam, mas em vez de guerra de verdade, jogam futebol. Os negros oprimidos pelos brancos, lavam sua alma derrotando um time de brancos, etc.

***IHU On-Line* - O futebol não está muito mercantilizado?**

Roberto DaMatta - Está. Mas o que não está? A religião? A política? O jornal? A ciência? A questão seria mais de como regular esse chamado mercantilismo.